



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**GIOVAN AMARAL**

**[DECO]**

**(entrevista)**

**2018**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-854

**Entrevistado:** Giovan Amaral

**Nascimento:** 17/10/1968

**Local da entrevista:** Sapiranga – RS

**Entrevistadora:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Data da entrevista:** 25/01/2018

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Pesquisa:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 14 minutos e 54 segundos

**Páginas Digitadas:** 7

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação e início no esporte; Curso de arbitragem; Competições que participou; Handebol no Rio Grande do Sul; Período de maior visibilidade; Federação Gaúcha de Handebol; Quadro de arbitragem; Etapas do curso de arbitragem; Dificuldades na arbitragem; Presença das mulheres na arbitragem.

Porto Alegre, 25 de janeiro de 2018. Entrevista com Giovan Amaral a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Inicialmente quero te agradecer por ceder esta entrevista, e eu gostaria que tu iniciasse me contando da tua formação e como tu iniciou no esporte?

G.A. – Minha formação no esporte eu comecei no handebol a nível escolar, eu jogava na verdade futebol e me foi apresentado o handebol e foi uma paixão! Joguei até a categoria Juvenil, fui campeão estadual, tive uma lesão no manguito muito grave, e eu não queria ficar afastado, e então eu migrei para o lado da arbitragem. E aí segui carreira na arbitragem! Eu sou formado em Administração, comecei o curso de Educação Física, mas não terminei.

J.K. – E como é que funciona o curso de arbitragem, como funcionam as etapas do curso?

G.A. – O curso de arbitragem ele é, basicamente, destinado a quem é da área do esporte, ex-atletas ou acadêmicos da Educação Física, alguma coisa assim, porque não é um esporte muito difundido. Então, é para quem era da área, atleta, técnico, alguma coisa assim, que se direciona para o curso. Porque não tem uma formação básica de “vamos ensinar regras!” Não existe essas coisas assim, não é, é para alguém que está que já está na linha do handebol.

J.K. – E existe algum tipo de prova que é feito?

G.A. – Sim, sim, o curso de formação é feito basicamente em três dias: sexta, sábado e domingo, geralmente. E nesse período é passado alguma coisa de iniciação e depois é feito uma avaliação do conhecimento de regras de cada árbitro. A partir disso, a gente vê aqueles que realmente tem um potencial, e é trabalhado para se dirigir para a arbitragem.

J.K. – E existe algum tipo de nível ou categoria dentro da arbitragem?

G.A. – Sim, sim existe! Tu começa como um árbitro aspirante que depois passa... Eu não sei se ainda está nessa categoria, mas até o ano de 2016 estava assim. Passa para estadual C, estadual B, estadual A, que daí é o aspirante para nacional, que tem direito de fazer o curso para nacional, passando para nacional é a mesma coisa nacional C, nacional B, nacional A, para ter a aspiração para curso internacional, se estiver na idade limite de trinta anos, e daí sim, se tiver vaga para internacional faz o curso para internacional também.

J.K. – E essas etapas do curso internacional e nacional, são as mesmas do estadual?

G.A. – São as mesmas do estadual! É por avaliação, conforme tua avaliação tu vai subindo, ou não.

J.K. – Sim! E durante tua trajetória no handebol, tu chegou a atuar como técnico?

G.A. – Não, como técnico não! Não atuei como técnico.

J.K. – E quando foi que tu realizou o curso de arbitragem?

G.A. – Em 1987, eu comecei bem cedo na arbitragem, e depois não parei mais, aí fui galgando, subindo e até agora [riso].

J.K. – E tu sempre teve uma dupla fixa?

G.A. – Geralmente no handebol a gente trabalha com duplas fixas, mas a nossa Federação<sup>1</sup>, como tem um número pequeno de árbitros, às vezes, a gente vai trocando conforme a necessidade. Mas eu, durante dezoito anos, eu fui dupla do professor Jorge Brandli<sup>2</sup>...

J.K. – Do Capi?

G.A. – Isso, do Capiloton exatamente! Fomos duplas por dezoito anos.

---

<sup>1</sup> Federação Gaúcha de Handebol.

<sup>2</sup> Jorge Luiz Brandli Fernandes [Capi].

J.K. – E tu saberia me dizer quando foi oferecido o primeiro curso de arbitragem pela Federação?

G.A. – Olha te dizer exatamente... A primeira vez eu não sei te dizer, não sei mesmo. Mas eu acredito que meados de 1980, meados de 1980 já tinha cursos.

J.K. – E eles sempre foram oferecidos pela Federação ou teve alguma outra entidade que ofertou?

G.A. – Sempre pela Federação, sempre!

J.K. – E nesse ano que tu realizou o curso de arbitragem já tinha a presença de mulheres?

G.A. – Já, já tinha! Mas acho que ela fez uns dois anos antes, era a professora Mara Crapanzani<sup>3</sup> se eu não me engano. Mas ela atuou muito pouco tempo, depois a gente... Eu pelo menos, nunca mais tive notícias dela.

J.K. – E era só ela que tinha no grupo?

G.A. – Só ela, ela era a única menina no grupo.

J.K. – E atualmente tu se dedica exclusivamente a arbitragem, ou tu tem outra fonte de renda?

G.A. – Não, não. Eu tenho uma empresa de transporte escolar, e também a arbitragem, mas esse ano de 2017 eu pedi licença, até por causa do meu trabalho, e acho que eu retorno esse ano de novo.

J.K. – Certo! E em relação as competições de handebol, tanto na época que tu participou como jogador, e agora como árbitro, como é a presença de público?

---

<sup>3</sup> Mara Elizabete Crapanzani.

G.A. – Já foi melhor! [riso] Já teve uma época aqui no nosso estado que a gente ia trabalhar nos jogos, com o ginásio lotado. Por exemplo, na época que a ULBRA<sup>4</sup>, que antigamente nem era ULBRA, era Altero Paquetá de Sapiranga, que tinha uma equipe muito forte que era do professor Caio Augustin<sup>5</sup>, que tinha um trabalho muito forte, e os ginásios sempre lotados, sempre lotados. E aí como ele jogava com o ginásio lotado, as equipes quando recebiam eles faziam uma campanha para fazer uma pressão também, então era legal porque tu sempre tinha o ginásio lotado, mas de um tempo para cá muito pouco público.

J.K. – E durante as partidas, a gente sabe que os árbitros acabam levando algum xingamento, alguma coisa. Isso ocorre também no handebol?

G.A. – Sim, sim ocorre! Quando tem o ginásio muito cheio, principalmente em jogos da Liga Nacional; nos jogos da Liga que daí é ginásio lotado, a gente sempre escuta aquela pressão, aquela cultura do futebol, mas entra por um ouvido e sai pelo outro. A gente sabe que isso é externo, fica fora! Mas isso é normal de acontecer nos ginásios.

J.K. – Tu saberia me dizer quantos árbitros há hoje no quadro de arbitragem da Federação Gaúcha de Handebol?

G.A. – Hoje está escasso, eu acredito que não passe de dez duplas. São muito poucos árbitros! Infelizmente não houve um trabalho de renovação “né”. É um dos motivos que eu me afastei até, um pouco, por não concordar com a metodologia de trabalho, mas respeito, é quem dirige! Mas é muito pouca renovação, muito pouco *curso*, que falta! Muito pouco curso de árbitros, teria que ter uma formação maior, para ter um número maior de árbitros, e não teve! E agora quem foi chegando em um limite de idade já foi parando, foi se afastando e não teve uma renovação, e não conseguimos dar uma sequência maior, então são poucos árbitros para trabalhar.

J.K. – E quando tu iniciou na arbitragem tu sentiu algum tipo de dificuldade?

---

<sup>4</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>5</sup> Cláudio Augustin [Caio].

G.A. – Não, eu não tive muita dificuldade, por ter sido atleta e de conhecer a grande maioria do pessoal que jogava, já eram meus conhecidos como atletas, então, não tive grandes dificuldades com isso, e o apoio dos árbitros antigos também... Para mim, foi bem tranquilo essa transição de atleta para árbitro. Eu comecei apitando no estado e eram todos conhecidos, então para mim foi bem tranquilo!

J.K. – E mais em relação a história do handebol no Rio Grande do Sul, o que tu saberia me contar sobre?

G.A. – Posso te dizer assim, pelo que eu sei, que começou mais na região de Santa Maria mesmo, com o professor Celso Giacomini<sup>6</sup> que foi um difusor, um apaixonado pelo esporte. Pelo que eu sei os polos centrais eram aí em Santa Maria, depois Porto Alegre, Caxias do Sul, não se espalhou muito, não saiu daquilo ali até hoje, é mais ou menos isso, essas regiões são polos, mas foi mais ou menos por aí que começou, foi o pessoal que difundiu melhor!

J.K. – E tu saberia me dizer quem trouxe a modalidade para o Rio Grande do Sul?

G.A. – Não, isso eu não sei te dizer, exatamente quem trouxe a modalidade para o estado eu não sei te dizer.

J.K. – E o ano que iniciou?

G.A. – A isso, deve ter sido em 1970 em alguma coisa, porque a nossa Federação<sup>7</sup> foi fundada em 1972 ou 1973, então, eu acredito que deve ter sido mais ou menos por essa época aí.

J.K. – E saberia me dizer qual foi o período de maior visibilidade do handebol aqui no Rio Grande do Sul?

---

<sup>6</sup> Luiz Celso Giacomini.

<sup>7</sup> Federação Gaúcha de Handebol (FGHb).

G.A. – Isso sim, foi na década de 1980 a 1990. Tinha uma equipe muito forte em Santa Maria, que era imbatível no Brasil e essa equipe era do professor Celso Giacomini que era a ADUFMS<sup>8</sup>, que era da Universidade Federal de Santa Maria. Eles ganhavam tudo, eles foram campeões brasileiros várias vezes, campeões Sul-Americanos, eles eram uma equipe tipo equipe *dream teams*, ninguém ganhava deles! Eles foram migrando, o professor foi embora para Chapecó<sup>9</sup> levou metade do time junto com ele; outra metade foi morar em outras cidades, e na verdade eles migraram quase todos para Santa Catarina, e aí a nossa parte no masculino deu uma queda, e Santa Catarina cresceu, porque pegou as equipes praticamente prontas, e nesse foi o auge do masculino. E no feminino, anos 2000 aí, com o professor Caiu, o Cláudio Augustin com a equipe do Altero Paquetá, também no feminino foi campeão de tudo: Liga Nacional, campeão brasileiro e campeão Sul-Americano, e foi aquela década do feminino, e depois deu uma queda também, acabou o dinheiro. [riso] Acaba o patrocínio e decaiu bastante e agora estamos assim, meio que remando, porque a gente já foi primeira e segunda força e agora acho que somos a quinta [riso].

J.K. – E como esporte Olímpico como tu vê a participação do Brasil?

G.A. – No feminino a gente sempre chega, estamos a alguns anos sempre como time de ponta, é uma das forças do esporte no mundo. Agora o masculino, a questão física, no Brasil o atleta alto ou ele vai para o basquete ou vai para o vôlei, então, nossos atletas são baixos em relação aos atletas europeus, e tecnicamente também no masculino, o Brasil tem muito para crescer ainda para chegar na ponta.

J.K. – E em relação a arbitragem, como tu vê a participação da mulher em competições a nível mundial, como Olimpíadas, Campeonatos Mundiais de Handebol...

G.A. – Tu está falando a nível internacional ou só as árbitras brasileiras?

J.K. – Pode ser só as árbitras brasileiras.

---

<sup>8</sup> Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>9</sup> Cidade de Santa Catarina.

G.A. – As árbitras brasileiras, a gente teve uma dupla, a Carla<sup>10</sup> e a Silvana<sup>11</sup> de São Paulo, que foi uma dupla que atuou bastante a nível internacional, porque o Campeonato Mundial... Não foram a Jogos Olímpicos, mas apitaram Campeonato Mundial, e saiam bastante para as competições. Mas como começaram muito tarde a nível internacional a idade estourou e elas abandonaram e depois delas e a gente não teve uma renovação. Mais ou menos o que eu te falei no início, a gente não teve uma renovação do quadro feminino, então, a gente não tem mais uma dupla feminina a nível internacional; a gente só tem duplas masculinas. Mas está um crescimento legal a nível de Brasil, de bastante duplas femininas e duplas boas, que atuam muito bem, que não deixam nada a desejar e tipo assim, elas tem um controle de jogo bom e até os atletas do masculino respeitam bastante elas, está um crescimento legal! No estado a gente tem a Betina<sup>12</sup> e a Carol<sup>13</sup> que são meninas novas que, possivelmente, se elas se dedicaram vão chegar, tem chance de chegar a internacional. E a Marisa<sup>14</sup> e a Pri<sup>15</sup> como tem uma idade mais avançada não tem como chegar por causa da idade, mas a nível nacional eu acredito que elas ainda possam galgar alguma coisa.

J.K. – Bom, eu encerrei as perguntas, teria mais alguma coisa que tu gostaria de colocar?

G.A. – Eu acredito que não, mas eu achei legal a entrevista sobre o nosso esporte que está tão infringido, mas acredito que seria isso.

J.K. – Então eu te agradeço, muito obrigada por ceder a entrevista!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>10</sup> Carla Righeto.

<sup>11</sup> Silvana Maria Silva.

<sup>12</sup> Betina Görgen.

<sup>13</sup> Caroline Goulart.

<sup>14</sup> Marisa Wasem.

<sup>15</sup> Priscila Nedel.